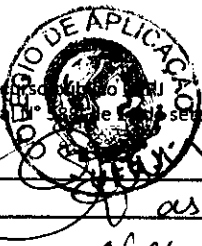


QUESTÃO 1 - RESPOSTA

Podemos observar uma necessidade de compreensão e explicação diante de um puro abstrato inicial que conduz os homens ao estranhamento e à pergunta "o que é isso?", para que daquele momento incômodo e 'estranho' adveja um conhecimento e uma totalidade significativa. A partir de suas creanças, saberes, língua-gem, cultura, seja ele índio, crioulo, europeu ou africano, ele aprenderá a dar ordem em um mundo que se tornará habitável. Nesse processo conhecemos o mundo dos entes e iniciamos o processo de compreensão.

Partindo dessa preliminar podemos tentar explicar a incessante recuperação do 'estranhamento' realizada pelos filósofos desde a antiguidade, a partir de um pensar metódico e sistemático.

O primeiro texto acima nos remete a teoria do conhecimento inaugural da filosofia compreendida enquanto metafísica: a teoria dos dois mundos platônica. A imagem que Platão utiliza em seu famoso 'Mito da caverna' é a de seres humanos acovetados no interior de uma caverna, que ele associará ao mundo sensível e condicional humana terrena. Tais homens só conseguem ver imagens de objetos projetados e essas imagens representam distorções de uma outra realidade. Platão nos conta que um dos homens se desvencilha das correntes e com muito sofrimento e espico consegue, passo-a-passo, sair para o mundo exterior que simbolizará o entao mundo inteligível, o mundo das ideias. Desse modo, as ideias tornam-se parâmetros para o conhecimento sendo a ideia, por exemplo, de <sup>Cachorro</sup> ~~cachorro~~, aquilo que torna possível que todos ~~se~~ qualquer homem reconheça as ~~cachorros~~. À volta ao mundo sensível, o homem possui o olhar "corrigido" - ORTÓTICO - para conhecer e identificar as cópias imperfeitas desse mundo. Essa concepção tradicional foi sendo "substituída" ao longo dos séculos, passando pela importante revolução científica e revolução filosófica da era moderna: a era da subjetividade. Após Descartes, surge o empirismo com a certeza



do conhecimento voltada para o mundo sensível e as percepções.

Voltando ao texto de Berkeley, temos a afirmação de que a percepção sensível e o conhecimento não se fundam por ideias exteriores e invisíveis ao próprio homem, tal como vimos em Platão.

O conhecimento depende das ideias concebidas pelo sujeito cognoscente.

Para exemplificar, não podemos fundamentar uma cor (ou qualquer percepção) em um mundo supra-sensível mas tão somente no espírito que percebe.

No segundo texto apresentado temos a refutação de modos de conhecer embasados nas distinções metafísicas entre mundo sensível/inteligível que ainda foi discutida pelos empiristas. Assim,

filósofo da linguagem busca estruturar o conhecimento em argumentos lógicos que independem das concepções metafísicas de outrora.

Nesse sentido tudo não passa de "mitos" para dar suporte melhores ou piores ~~de~~ estruturas epistemológicas de conhecimento. Tais mitos - deuses ou crenças e percepções sensíveis - são culturais.

## QUESTÃO 2 - RESPOSTA

K. Popper, na esteira dos positivistas lógicos, pretende separar aquilo que é passível de ser considerado ciência daquilo que não pode ser concebido como tal, que ele nomeia como "extra-científicos". Sua crítica aponta para critérios de refutabilidade das verdades científicas que sequer poderão ser encontrados nos âmbitos não-científicos. É preciso, segundo Popper, discernir ou depurar crenças e hipóteses cotidianas, consideradas obstáculos epistemológicos (tal como nomeia Bachelard), para dar verificabilidade/veracidade à uma dada proposição científica.

A questão levantada por Popper problematiza o estatuto das ciências e a objetividade como condição de possibilidade para as mesmas. Nesse caso, aquilo que pode ser passível de verificação/refutação nas ciências naturais tem estatuto ontológico intrinsecamente

diverso daquilo que pode ser observado nas ciências sociais e humanas.

Como resposta ao apelo insistente à subjetividade inerente das ciências de um modo geral, Popper buscou traçar uma linha divisória cuja principal característica era a objetividade científica ainda que pronta para ser refutada por um sujeito epistemológico em um momento posterior.

### 3 - RESPOSTA

A pequena observação <sup>de Adorno</sup> sobre as tarefas da teoria do conhecimento na contemporaneidade abre um leque de possibilidades de interpretações sobre como se conhece algo nesse mundo onde se impõem os processos incontroláveis da técnica e respostas cristalizadas na lógica argumentativa e no modelo científico, respostas essas que podem ser nocivas <sup>mesmo</sup> e catastróficas.

Nesse sentido, a crítica ao modelo epistemológico positivista ~~de~~ para conhecimentos adquiridos mediante a aplicação de modelos lógico-científicos cristalizados, aponta para vícios de abrangência ética e política, como o foi, por exemplo, o emprego das bombas atômicas no século XX. Como dizia ~~de~~ <sup>de</sup> problematizar Hannah Arendt "eles não sabem o que fazem" ou Heidegger "a ciência não pensa". Por esse razão Adorno aposta na reflexão sobre como podemos <sup>(sem excluir as culturas, a raça, as crianças, as subjetividades)</sup> conhecer. É ao problematizar tal reflexão, abre-se um horizonte para o debate acerca de todo a tradição do pensamento ocidental incluindo aí seu ocaso e sua crise.

À guisa de conclusão, poderíamos incluir nessa abertura a desconstrução de uma cultura hegemônica e logocêntrica, descolonizando o pensamento e permitindo novas 'visões' epistemológicas que incorporem a intersubjetividade e a alteridade. Talvez pudéssemos acrescentar à reflexão de Adorno a pergunta 'o que nos faz pensar' em um mundo automatizado e globalizado.